

A PRESERVAÇÃO DE UMA MEMÓRIA: DISCUSSÕES SOBRE O PATRIMÔNIO E A IMIGRAÇÃO NO BRASIL

THE PRESERVATION OF A MEMORY: DISCUSSIONS ON HERITAGE AND IMMIGRATION IN BRAZIL

SANTOS, Rodrigo dos *

<http://orcid.org/0000-0003-4036-6755> 

RESUMO: O presente artigo objetiva articular o conceito de patrimônio cultural e a discussão de imigração, privilegiando processos imigratórios no pós-Segunda Guerra Mundial, especialmente com suábios, húngaros, poloneses e italianos. Para tanto, ampara-se em bibliografias sobre o tema como Hall (2006), Funari e Pelegrini (2009), Paiva (2014) Shephard (2012), Stein (2011), entre outros; buscando destacar abordagens sobre Patrimônio Cultural Material e Imaterial. Como resultado, percebeu-se a importância desta temática para a área de ciências humanas e a relevância da ressignificação dos espaços de memória. Os museus são espaços relevantes de preservação da cultura material, especialmente da imigração.

PALAVRAS-CHAVE: imigração; museus; patrimônio cultural.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo **

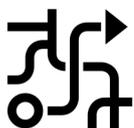
<http://orcid.org/0000-0002-6584-8323> 

ABSTRACT: This present article seeks to articulate the concept of cultural heritage in the discussion of immigration, favoring immigration processes in after the Second World War, especially with Swabians or Hungarians, Poles and Italians. For so much, it is supported by bibliographies on the subject, as Hall (2006), Funari and Pelegrini (2009), Paiva (2014) Shephard (2012), Stein (2011), among others; seeking to highlight approaches on Material and Intangible Cultural Heritage. As a result, the importance of this subject for the area of human science was perceived with the signification of memory spaces. Museums are relevant spaces for the preservation of cultural material, especially immigration.

KEYWORDS
immigration; museums; cultural heritage.

* Doutor em História pela UEM e Docente da UNICENTRO. E-mail: digao_santos9@hotmail.com.

** Docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História (PPH) da UEM. E-mail: sandrapelegrini@yahoo.com.br.



A apreensão dos processos migratórios e imigratórios implica que esses movimentos populacionais ocorrem de duas formas: a primeira, pode ser verificada por meio da concepção de emigração e na visão do migrante a partir do seu local de origem; a segunda, diz respeito a imigração e das expectativas do migrante em relação ao seu lugar de destino. Nesta pesquisa, se privilegia a relação entre o patrimônio e essa segunda forma de deslocamento, ou seja, a imigração.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), artigo 216, define Patrimônio Cultural como um conjunto de bens materiais e imateriais. Entre esses bens se incluem: expressões; modos de criar, fazer e viver; criações científicas, artísticas e tecnológicas; obras, objetos; conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, entre outros. Sendo responsabilidade do poder público, com colaboração da comunidade, a proteção desses bens culturais.

De acordo com Funari e Pelegrini (2009), o tratado do Patrimônio implica duas ideias: os bens materiais transmitidos aos herdeiros com valor comercial ou memorialístico; e o “patrimônio espiritual”, aquele relacionado às vivências das comunidades, seus saberes de ofício, suas celebrações e conhecimentos tradicionais. Sabe-se que não é possível uma separação efetiva entre os bens materiais e imateriais, pois tais intersecções são inevitáveis.

Exposto isso, divide-se este trabalho em duas partes. A primeira, centra-se na discussão sobre a imigração e a preservação do patrimônio material, a partir da percepção de que os museus figuram como guardiões de memória e estão articulados a necessidade de ressignificação do passado. A segunda parte, refere-se à produção imaterial, priorizando-se a relação dessa tipologia patrimonial com os imigrantes originários da Segunda Guerra Mundial.

IMIGRAÇÃO E PATRIMÔNIO MATERIAL

Os museus são espaços importantes de preservação da cultura material, especialmente da imigração. Neste sentido, Paiva (2014) apresenta dois aspectos dos museus para a sociedade, um positivo e outro negativo. Inicia-se pelo aspecto positivo:

Em seu sentido positivo os Museus são territórios de preservação da memória, cultura material e formas intangíveis do patrimônio cultural, cuja dinâmica do tempo tende, por um lado, a subsumir da paisagem e do vivido social; por outro lado, os Museus também são sujeitos que podem atribuir



valor e importância a esses mesmos elementos, independentemente de sua condição de fragilidade -ou não - no contexto social (PAIVA, 2014, 157).

O autor adverte que os museus salvaguardam memórias e eles têm como objetivo preservar o patrimônio cultural que pode ser esquecido com o passar do tempo. Todavia, se reconhece que as instituições museais preservam o que um determinado grupo quer lembrar. Se um artefato está em um museu é porque seu grupo acredita ser digno de preservação, logo, agregam valor e relevância aos objetos preservados (PELEGRINI, 2016).

Isso também é demonstrado nos museus que guardam memórias de imigrantes em seus acervos. Segundo Bacellar (2014), a documentação referente à imigração é ampla e pouco explorada, sendo mais uma alternativa para a consulta e problematização de narrativas por pesquisadores.

Sobre o ponto negativo de instituições desta natureza, Paiva afirma:

[...] os Museus são territórios que envelhecem. Passadas algumas décadas ou mesmo alguns anos de sua fundação/formação, podem se tornar objetos de estranhamento por preservarem uma memória-história não mais reconhecida no presente. Originários de um passado *distante*, esses territórios da memória tendem a expressar concepções e perspectivas que, potencialmente, podem ser desvalorizadas pelas novas gerações implicando numa série de desafios aos Museus (PAIVA, 2014, p. 163).

Em outras palavras, uma das dificuldades para a preservação do patrimônio cultural material, apontada pelo autor, implica na manutenção do interesse da sociedade em relação aos acervos museais, pois com o passar dos anos, esses espaços de memória podem parecer envelhecidos e estranhos ao presente, tornando-se “desprezíveis” aos olhos das novas gerações.

Uma alternativa para o não envelhecimento dos museus é a resignificação do seu espaço, ou seja, a atribuição de novos sentidos ao patrimônio cultural. Paiva (2014, p.163) cita como exemplo, o espaço do Museu de Imigração de São Paulo.

A antiga Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, desativada de suas funções originais em 1978, depois de 90 anos de funcionamento, abrigou, a partir de 1982, o Centro Histórico do Imigrante; alguns anos depois, foi sede do Memorial do Imigrante- inaugurado em 1998 -, e no presente momento, está prestes a ser o edifício sede do novo Museu da Imigração. Esse espaço é um bom exemplo das transformações pelas quais os espaços *musealizados* sofrem no transcurso de sua existência.



O pesquisador destaca que inicialmente o que hoje é o Museu de Imigração de São Paulo foi originalmente uma hospedaria de imigrantes⁹⁵, desativada em 1978 e transformada no ano de 1982 em um centro histórico e posteriormente em um memorial. A criação de outro sentido para a hospedaria fez com que ela continuasse a ser atual, significando o presente e ao mesmo tempo não deixando de ser guardiã de uma memória, a da imigração de São Paulo.

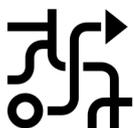
Outra forma de atualização dos espaços da migração é desenvolvida a partir dos meios digitais. Estes novos espaços garantem a preservação do patrimônio cultural para que seja possível reconstruir narrativas históricas além do impresso, do papel, como aponta Napolitano (2014). Este estudioso ainda destaca que a rede mundial de computadores, a partir da internet, constitui um grande apoio para os pesquisadores, facilitando a preservação dos acervos audiovisuais. Apesar disso, ele afirma que são necessários alguns cuidados na utilização da internet como fonte, principalmente para os iniciantes, pois há em muitos casos apenas um amontoado de informações, sem referência apropriada e verossímil nos *blogs e posts*; e ainda existe um número reduzido de acervos organizados para pesquisa.

Diante disso, indaga-se: onde o pesquisador pode encontrar fontes confiáveis nos meios digitais sobre imigração no Brasil? De pronto, responde-se que os acervos digitais da Biblioteca Nacional, especialmente a Hemeroteca Digital⁹⁶ podem ser úteis para o pesquisador dos estudos (i)migratórios. A Hemeroteca viabiliza a sondagem da temática supracitada em periódicos nacionais e internacionais, por meio de um mecanismo de busca deflagrado a partir de palavras-chave. É possível pesquisar sobre os grupos de imigrantes em matérias e reportagens jornalísticas produzidas nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, e em países como o México, Paraguai, Estados Unidos, entre outros.

Outro acervo muito acessível é o do Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN). Após um cadastro breve, o pesquisador pode ter acesso às fontes imagéticas e a algumas listas de passageiros dos “vapores” (navios) que se deslocaram para o país nos

⁹⁵ As hospedarias foram criadas no final do século XIX para recepção, triagem e direcionamento de imigrantes para o trabalho. Na triagem o controle médico sanitário incluía banho, desinfecção, troca de roupas e inspeção médica. Durante as duas guerras mundiais (1914-1918/1939-1945) as hospedarias brasileiras também funcionaram como prisões. Outro aspecto relevante é que as hospedarias brasileiras foram instaladas em várias localidades, especialmente na divisa dos estados, e não apenas nos portos de desembarque (REZNIK; FERNANDES, 2014).

⁹⁶ O endereço da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> > Acesso em 10 fev. 2018.



séculos XIX e XX. Essas listas de passageiros estão no formato digital, disponíveis por um código, ou podem ser solicitadas, mediante taxa, pelo serviço de atendimento à distância⁹⁷.

Abreu e Chagas (*apud* FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 15) assinalam que na contemporaneidade ocorreu um crescimento expressivo na constituição de acervos: “Nunca se colecionou tanto, nunca se arquivou tanto, nunca tantos grupos se inquietaram tanto com os temas referentes à memória, patrimônio e museus”. Além da grande quantidade de informações, Funari e Pelegrini (2009, p. 29) chamam a atenção para o fato de que a inédita e intensa “produção massiva de materiais digitais”, trouxeram novos desafios e problemas para a preservação destes materiais, principalmente, os de origem técnica, relativos a migração de um meio digital antigo para outro mais recente, porque no entendimentos dos deles, tais procedimentos podem implicar a perda informações⁹⁸.

Ainda, há o acervo digital do Museu da Imigração⁹⁹. Este acervo possui cartas de chamada, registros de matrícula, conjunto cartográfico de mapas e plantas, conjunto iconográfico, requerimentos da Secretária da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (SACOP), jornais e listas de passageiros para o porto de Santos que também pode ser consultado por meio de um buscador de palavras-chave. O acervo reúne materiais de todos os períodos da imigração para o Brasil.

Vale destacar que o acesso as fichas consulares do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro disponibilizados em sua forma online pelo site *FamilySearch*, constituem outra possibilidade de pesquisa. Segundo Leal (2017), esse site foi criado em 2010 pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e disponibiliza de forma gratuita milhões de documentos, em especial, as fichas consulares com registros relativos as décadas de 1930 a 1960. O objetivo do site centra-se na ideia de possibilitar que as pessoas encontrem seus antepassados pelo sobrenome, reconstituindo a genealogia das famílias.

Leal (2017) salienta que as fichas consulares são um rico material de pesquisa que antes do acervo online estavam guardadas exclusivamente no prédio do Arquivo Nacional e eram inacessíveis ao grande público. Essas fichas foram criadas em 1939, a partir de um Decreto-Lei de Getúlio Vargas que regulamentava a entrada de imigrantes no fim da Segunda Guerra. As fichas eram de caráter obrigatório, preenchidas e carimbadas em duas vias e no seu verso possuíam a data de desembarque e a localidade brasileira para

⁹⁷ O endereço do SIAN é <http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/pagina_inicial.asp> Acesso em 10 fev. 2018. O atendimento a distância é realizado pelo e-mail: consultas@arquivonacional.gov.br

⁹⁸ Os pesquisadores apresentam como um exemplo da dificuldade de preservação do patrimônio digital a guarda dos arquivos de uma empresa falida que possua *copyright* (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 29).

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/livros.php>>. Acesso em 8 fev. 2018.



direcionamento ao trabalho. O imigrante que não a portasse entraria no país, mas com a retenção do passaporte.

Os acervos digitais constituem uma atualização que ocorre com os museus/acervos. Além disso, a modernização dos museus que fazem referência à imigração pode ser realizada pelo alargamento da noção desse fenômeno, pois os movimentos migratórios são classificados a priori em quatro períodos¹⁰⁰, algo que vai muito além da visão cristalizada na historiografia que reconhece basicamente a época da substituição da mão de obra escrava pela imigrante, ocorrida no final do século XIX e início do Século XX¹⁰¹.

Paiva (2014, p. 165) aponta que o Museu da Imigração de São Paulo também visualizou a recriação de sentido:

Assim, as transformações sociais e culturais provocadas pelos novos fluxos imigratórios na cidade de São Paulo, a partir dos anos de 1980 e 2000 produziram outra perspectiva sobre a noção de imigração. A presença de imigrantes latino-americanos, asiáticos e africanos passou a contrastar com a ideia de imigração expressa naquele território que se intitulava Memorial do Imigrante.

O autor menciona que o museu da Imigração de São Paulo começou a abranger novos fluxos imigratórios recentes para a cidade de São Paulo, possivelmente de nordestinos que viam em São Paulo um local de riqueza, pela sua industrialização. Ademais, salienta que o museu também se abriu a outros grupos de imigrantes como o dos latino-americanos, asiáticos, africanos e europeus do meio do século XX e início do XXI.

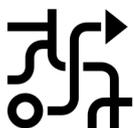
Paiva (2014) destaca que esta atualização dos museus deve ser pensada a partir de outros aspectos, entre eles, menciona: o apontamento da pluridirecionalidade (novos fluxos de migração); a indicação da circulação de imigrantes e da imigração ilegal. Cita ainda os desafios da atualização dos ambientes de exposição sobre essa temática.

Até aqui, se comentou sobre o patrimônio cultural material salvaguardados pelos museus. O próximo item se concentra em alguns elementos do patrimônio cultural imaterial e sua preservação, dialogando com a imigração do pós-Segunda Guerra Mundial.

IMIGRAÇÃO, IDENTIDADES E PATRIMÔNIO IMATERIAL

¹⁰⁰Segundo Bassanezi (*apud* SALLES; PAIVA; BASTOS, 2013) o Brasil possui quatro períodos de imigração. O primeiro período é da imigração para a substituição da mão de obra escrava até 1906. O segundo período é de 1906 até próximo a Primeira Guerra Mundial (1914). O terceiro período inicia-se no final da Primeira Guerra Mundial (1918) até o fim do Estado Novo (1945). O último período, o quarto, é do fim do Estado Novo até os dias atuais.

¹⁰¹ Sobre outras formas de imigração ver Santos (2016).



Segundo Pelegrini e Funari (2013) a noção da imaterialidade do patrimônio surge com o fim da Segunda Guerra Mundial, junto com elementos como a superação do nacionalismo e do imperialismo; o reconhecimento de campos de extermínios de povos inteiros, condenados pelas nações democráticas do ocidente; as lutas sociais que minavam a ideia de uma unidade nacional pautada na língua, cultura, origem e território. Os historiadores também destacam que a destruição causada pela Segunda Guerra impulsionou a atenção dos estudiosos no tocante a reconstrução do patrimônio material e imaterial.

Além disso, pode-se mencionar que a criação de novos territórios e os deslocamentos populacionais na Europa contribuíram para o conceito de patrimônio cultural imaterial. Como exemplo, Applebaum (2016) menciona a expansão do nazismo e do stalinismo durante a Segunda Guerra na Polônia, a perda de território no leste para a Hungria ao fim da guerra e o ganho de fronteira no oeste da Alemanha. Com isso, esses governos promoveram deslocamentos das populações com tentativas de homogeneização de povos. A tentativa de retorno de alemães da Polônia para a Alemanha, Húngaros da Polônia para a Hungria e Poloneses da Hungria para a Polônia.

O movimento populacional teria começado segundo Shephard (2012), antes do fim da Segunda Guerra. A Alemanha nazista promoveu deslocamentos voluntários e involuntários para seu território. Os povos que tiveram seus espaços territoriais invadidos foram designados para sustentar a máquina bélica alemã com o trabalho em minas e fábricas de armamentos, entre outras atividades. Terminada a guerra, a população ficou onde estava, o retorno não foi realizado por falta de estrutura adequada.

Há ainda àqueles que Buruma (2015) e outros pesquisadores denominam de um milhão restante. Dos 17 milhões de sujeitos deslocados pela Segunda Guerra Mundial, aproximadamente um milhão não poderia retornar para as suas antigas moradas¹⁰². Quais foram os motivos para que essa população não retornasse? Alguns fugiam da destruição, outros de governos totalitários e havia os que estavam sem Pátria.

Shephard (2012) apresenta três narrativas de poloneses do pós-guerra que podem exemplificar a possibilidade do retorno. A primeira narrativa é a de Marianna Kiszteńska que no início da Segunda Guerra (1939) foi trabalhar voluntariamente na Alemanha e, na

¹⁰² A maioria dos deslocados de guerra (Pessoas Deslocadas ou *Displaced Persons*) era de origem polonesa, principalmente pela já mencionada reconfiguração europeia promovida pelos “aliados” (SHEPHARD, 2012; APPLEBAUM, 2016).



sequência, perdeu a permissão para voltar a seu país, transformando-se em escrava. Em 1944, casou-se com outro polonês e deu à luz um filho, e pela solidariedade do seu “patrão” conseguiu manter-se casada. No final da Guerra, em 1946, ela e seu companheiro voltaram para a Polônia.

A segunda trajetória referida por Shephard (2012), diz respeito à Wera Letun, ela não queria retornar, pois sua antiga morada na Polônia foi anexada à União Soviética em 1939. Entretanto, ela e seu namorado Mikolaj resolveram retornar. Eles voltariam para Lublin, onde um fazendeiro precisava de mão de obra. No caminho, Letun contraiu tifo e ficou em um hospital. Ao se recuperar, eles desistiram desse projeto e retornaram para um campo de acolhimento para refugiados, na Zona Britânica.

A terceira narrativa sobre poloneses é a de William Lubinieck, que optou por retornar para a Polônia, juntamente com sua família, no imediato pós-guerra. Apesar disso, foi obrigado a esperar por causa da ausência de transporte. Depois disso, eles resolveram ficar nos campos de acolhimento por rumores de que a situação econômica no país estava ruim (SHEPHARD, 2012).

Entre os países que acolheram esta população como mão de obra estão a Austrália, Canadá, Estados Unidos e o Brasil. Conforme assinalam Salles, Paiva e Bastos (2013), no pós-Segunda Guerra Mundial passou a vigorar no Brasil dois tipos de imigração: as imigrações espontâneas, por cartas de chamada de amigos e parentes com ofertas de emprego em cooperativas agrícolas; e a imigração por convênios efetuados entre o governo brasileiro e organismos internacionais.

Posto isso, como assevera Burke (2008), constata-se que todo esse processo de desterritorialização e reassentamento, implica o contato de grupos populacionais com práticas culturais distintas das suas. Logo, percebe-se, conforme Pelegrini (2007), que os valores sociais se alteram com o passar do tempo, fazendo com que o sujeito possa durante sua vida “se identificar com outros grupos” ou até “mudar de grupos”, demandas que interferem na sua “percepção identitária” e, por consequência, no seu “sentido de pertencimento”.

Esta identificação também transforma a relação do patrimônio cultural tangível e intangível entre os imigrantes, relação, aliás, que pode ser construída e reconstruída conforme a necessidade do grupo. Esse movimento é definido por Hall (2006) como “jogo das identidades” o que, em outras palavras, implica a “fragmentação de identidades” e a sua “utilização” conforme a “necessidade”. Do seu ponto de vista, as relações sociais são



extremamente complexas, devido aos processos de mundialização e globalização e provocam, por sua fluidez, a multiplicidade das identidades.

Isso é evidente entre os imigrantes oriundos do pós-guerra e pode ser detectado por meio dos estudos de Frotscher (2011), quando a mesma nos remete a entrevista que realizou com Ruth Vogt¹⁰³. A entrevistada se posicionou identitariamente como sul-americana (brasileira) no pós-guerra, ao apresentar para um soldado estadunidense uma carteirinha de vacinação com uma bandeira brasileira, como uma “tática”¹⁰⁴ para evitar retaliações, por ser alemã. Isso permitiu que os identificados como alemães fossem obrigados a dormir no chão, pelo fato dos soldados terem tomado as camas dos alemães. Apesar disso, ela e o seu filho continuaram dormindo em suas acomodações, por não serem considerados nazistas.

O “jogo das identidades” também pode ser observado a partir de uma resolução, que ordenou que todos os campos de acolhimento realizassem um registro dos seus habitantes. O processo denominado de filtragem¹⁰⁵ visava a reduzir o montante de pessoas que teriam direito de receber auxílio internacional: em específico, mantimentos e abrigo. Como forma de proteção, os sujeitos criaram novas nacionalidades, a partir de criação de narrativas que não eram representativas de sua vida e acusavam a ausência de documentos. Diante disso, podemos indagar: por que criar uma nova identidade? Uma das respostas possíveis é a garantia da sobrevivência. Ser considerado alemão ou colaboracionista significava não receber alimentos e ser expulso dos campos de acolhimento. Criar uma nova identidade configura uma forma para continuar vivendo ou existindo de uma forma “confortável”.

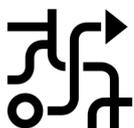
O maior grupo de sobreviventes da Segunda Guerra que veio para o Brasil foi o dos suábios do Danúbio¹⁰⁶. Esse grupo de imigrantes foi objeto de vários estudos, entre eles os de Elfes (1971), Stein (2011) e Santos (2015). Segundo os autores, a sua história está relacionada às migrações pela Europa. Stein (2011) menciona que o termo suábios do Danúbio, surgiu no fim da primeira Guerra Mundial (1914-1918), especialmente com o fim do Império Austro-húngaro e a desmembração desse império em Hungria, Iugoslávia e Romênia. As áreas do

¹⁰³Ruth Vogt, filha de um pastor luterano, nasceu no Brasil em 1920. Em 1938, ela viajou com sua família para Alemanha, no entanto, não quis retornar, ficando sozinha para estudar música. Seus estudos foram financiados por uma entidade não governamental. Em 1939, com o início da Segunda Guerra, ela perdeu a comunicação com seus familiares no Brasil. Em 1942, casou-se com um colega de estudos, que morreu com Ruth grávida, depois de uma missão militar nazista. Com o nascimento do seu filho, ela morou em uma cidade da região alemã Turíngia.

¹⁰⁴Entende-se a tática na perspectiva de Certeau: “A Tática é a arte do fraco”. A “tática” é uma forma de resistência, criada pelos segmentos populares para enfrentar as “estratégias” promovidas pelos agentes do Estado (Cf. CERTEAU, 1998, p. 101).

¹⁰⁵O processo de classificação ficou conhecido como *Skryning*, a pronúncia equivocada de *screening*, que significa em inglês filtragem (SHEPHARD, 2012.).

¹⁰⁶Os Suábios também foram conhecidos pela designação, em alemão, de *Donauschwabern* (STEIN, 2011).



rio Danúbio e seus afluentes foram ocupadas por uma população que tinha migrado de províncias alemãs antes da guerra.

Elfes (1971) também afirma que durante a Segunda Guerra, a localidade habitada pelos suábios foi ocupada pelos nazistas e como defesa, eles resistiram junto com a população local. Com a chegada do Exército Soviético, a maior parte dos suábios abandonou a área e em 1945 outra parte foi expulsa. A Áustria os recebeu em campos de acolhimento e, entretanto, como aponta Shephard (2012), esses campos se assemelhavam aos campos de concentração nazista pelas péssimas condições de alojamento, ou porque tinham servido para essa finalidade, ou por serem antigos campos militares.

Segundo esses autores, Elfes (1971) e Stein (2011), o grupo de suábios do Danúbio era composto por cerca de 2.500 pessoas (2.014 nascidos na Iugoslávia, 119 na Romênia, 16 na Hungria e 12 em outros países), que por intermédio de organizações internacionais, especialmente da Ajuda Suíça à Europa imigraram entre 1951 e 1954, em sete levas, ao município de Guarapuava - PR, na Colônia Entre Rios¹⁰⁷.

O “jogo das identidades” (HALL, 2006), a criação ou recriação de identidades, conforme a necessidade do sujeito pode também ser percebida na designação dos suábios do Danúbio nos periódicos. Como afirma Stein, especialmente na imprensa periódica, os jornalistas evitavam a designação de alemães para esses sujeitos. Evitava-se a denominação para não os relacionar ao nazismo, com isso, se preferia as nomenclaturas: imigrantes europeus, apátridas, suíços¹⁰⁸ e camponeses.

A partir de 1966, liderados pelo presidente de sua Cooperativa Agrária, os suábios passaram a reafirmar sua identidade e a preservar os seus bens patrimoniais, em especial, quando Mathias Leh assumiu a presidência da entidade. A partir de então, eles deram início a produção de narrativas sobre sua trajetória. Tais construções discursivas visaram a celebração dos vinte e cinco anos de existência; e principalmente a construção e preservação das memórias ressignificadas que lhes garantiam uma identificação como sujeitos coletivos (STEIN, 2011, p. 158).

Essa iniciativa de preservar o patrimônio cultural tangível e intangível dos suábios do Danúbio, se deu mediante a fundação Cultural Suábia-Brasileira composta por “um teatro, uma rádio comunitária, espaços culturais multifuncionais, um centro de jovens e o

¹⁰⁷ Stein (2011) aponta que há divergência com relação aos dados sobre a imigração dos suábios, sendo a última leva composta por apenas 4 pessoas.

¹⁰⁸ Eles foram também denominados de suíços por causa da organização suíça que intermediou a imigração ao Brasil (STEIN, 2011). É relevante mencionar que os imigrantes recebiam denominações pejorativas (SALLES; PAIVA; BASTOS, 2013).



Museu Histórico de Entre Rios” (FUNDAÇÃO CULTURAL SUÁBIA-BRASILEIRA, 2016). A fundação é recente, entretanto, o Museu Histórico que tem como objetivo salvaguardar o patrimônio material e imaterial deste grupo de imigrantes foi fundado em 1971 e reinaugurado em 1991.

Portanto, a criação do museu constituiu um marco na trajetória desses indivíduos. Ao se reinventarem em outro país, foi lançado para comemorar os vinte anos da imigração dos suábios do Danúbio, o livro de Elfes (1971). Além disso, o mesmo pesquisador apresenta, com a entrevista de Elisabet Leh, a organização do Museu dos Suábios:

De acordo com Elisabet, Mathias Leh como presidente da cooperativa e também da comissão organizadora dos festejos, incumbiu a funcionária da cooperativa, Ingri Schüssler, de organizar a montagem do museu. Schüssler, com a ajuda voluntária de sua mãe, Katharina Schüssler, Elisabet Leh e de Theresia Roth, começaram a solicitar à comunidade a doação de objetos como roupas antigas e antigos instrumentos domésticos e de trabalho na lavoura, bem como fotografias trazidas da Europa e também do período inicial da Colônia, para comporem o acervo. Como se pode notar [...] de que às mulheres caberia a tarefa de serem guardiãs da cultura suábia (STEIN, 2011, p. 218).

A fundação do museu representa uma vitória para os imigrantes. A vitória de conseguir se estabelecer em uma localidade diferente da sua e manter a sua identidade, preservando seu patrimônio cultural. Nesse caso, as mulheres imigrantes ficaram responsáveis pela preservação deste patrimônio cultural, pois recrutaram o material trazido da Europa, entre os seus. Stein (2011) também afirma que pelo valor simbólico alguns objetos foram comprados pela cooperativa dos Suábios.

A preservação da cultura material se mescla com a produção imaterial na constituição deste museu, cujo acervo reúne artefatos representativos das memórias individuais e coletivas. Os trajes, os móveis e as pinturas foram recriados pelos imigrantes a partir de fotografias do período (STEIN, 2011). Além disso, este grupo ainda possui uma festa que celebra o patrimônio imaterial a partir do material, a *Traktor Fest* que consiste em um desfile de tratores fabricados antes de 1970 e que representa a imigração destes sujeitos¹⁰⁹.

Nessa direção, convém retomar a ideia de que os patrimônios culturais imateriais não são meras abstrações em contraposição ao patrimônio material. Como já se apontou anteriormente, não ocorre uma separação do patrimônio material e imaterial. Aliás, como destaca Fonseca (2009, p. 68), a materialidade é relativa, pois apesar “da presença física” de

¹⁰⁹ Em 30 de julho de 2017 foi realizada a 7ª edição da *TraktorFest*.



um bem, existem recursos intangíveis essenciais para a concretização de determinadas práticas. No caso do canto dos repentistas, por exemplo, o domínio da técnica de cantar e tocar o instrumento se unem a criatividade própria do “improvisado” e a sonoridade do gênero. Portanto, constata-se que esta arte possui, por um lado, a presença física dos sujeitos e seus instrumentos, e por outro, a imaterialidade dos saberes musicais e do improvisado.

Porém, cabe lembrar como afirmam Funari e Pelegrini (2009), a construção de um patrimônio cultural é arbitrária. O que é considerado patrimônio por um grupo pode não ser para outro, ou ainda, pode ser considerado em um período e não em outro. Isso fica evidente quando Stein (2011, p. 220) assegura: “Nesta perspectiva, os objetos dignos de guarda [pelos suábios] seriam aqueles que foram trazidos da Europa. Embora alguns fossem comprados, seu valor não estaria ligado a critérios mercadológicos ou de uso prático”. Para os suábios que constituíram o seu museu na década de 1970, seu patrimônio cultural estava nos objetos que foram trazidos da Europa, pois representavam sua memória e seu valor era calcado nas lembranças que suscitavam. Isso também é evidente nos trajes que foram reproduzidos para rememorar uma época.

Recentemente a fundação como uma forma de preservação do seu patrimônio cultural imaterial, frente às novas gerações, lançou em língua alemã, a história em quadrinhos *Die Geschichte Der Donauschwaben In Brasilien*¹¹⁰. Uma versão adaptada ao público infantil, da história dos suábios do Danúbio, em que o avô do personagem Sepp conta a trajetória do grupo a partir de sementes mágicas. São ofertados ao leitor *Zeirvertreib*¹¹¹, alguns passatempos: o “jogo de labirinto”, o “jogo dos sete erros” e desenhos para colorir. O primeiro reproduz imagens representativas do processo de construção das casas dos suábios do Danúbio após a imigração; o segundo, mostra a figura do neto e do avô postados ao lado de uma árvore centenária como representação das memórias anteriores a fixação dos suábios no Brasil.

Com isso, se percebe aquilo que foi mencionado por Fonseca (2009), ou seja, que os fluxos migratórios, a agilidade de comunicação, a presença e interpretações distintas de cultura fazem com que se tenha um conceito ampliado de patrimônio cultural. Trata-se de uma definição conceitual que abarca tanto a materialidade e a imaterialidade, manifestas na constituição do museu pelos suábios e na reafirmação de suas memórias por meio da criação de histórias e personagens que povoam a narrativa dos quadrinhos e dos joguinhos

¹¹⁰ Em tradução livre: “A história dos *Donauschwaben* no Brasil” (FUNDAÇÃO CULTURAL SUÁBIA-BRASILEIRA, 2016).

¹¹¹ Passatempo.



direcionados às crianças, de modo a garantir que as referências culturais e tradições desse grupo se perpetue de geração em geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou cumprir o objetivo preliminar de apresentar a relação entre imigração e a constituição do patrimônio cultural, tanto material como imaterial dos suábios do Danúbio. Os bens patrimoniais criam e recriam a identidade dos imigrantes, agregando valores e saberes aos objetos e artefatos, sejam eles suábios ou húngaros, poloneses, italianos, entre outros sujeitos. É certo que eles trouxeram para sua nova pátria objetos da sua cultura material e práticas sociais pautadas por saberes e formas de fazer que receberam como herança dos seus antepassados.

Constatou-se, por outro lado, que os museus, como guardiões de artefatos representativos das vivências e das memórias ressignificadas dos imigrantes, figuram como ambientes importantes para o fortalecimento da(s) identidade(s) dos suábios e para a preservação dos seus sentidos de pertença.

Além disso, instituições museais reúnem elementos riquíssimos a serem investigados por pesquisadores interessados em novos enfoques sobre os grupos imigratórios que se deslocaram para o Brasil. Nessa linha interpretativa, novos desafios são lançados para a abordagem da história dos imigrantes. Um deles é o da revisão da periodicidade que não se circunscreve ao século XIX e início do XX, outro refere-se aos tipos de imigração realizadas no Brasil.

Por fim, assinala-se que, sem dúvida, as novas tecnologias figuram como aliadas da conservação e preservação dos bens patrimoniais. Elas devem ser utilizadas como instrumentos pelos pesquisadores dedicados ao estudo da imigração, embora se reconheça as dificuldades decorrentes das transformações dos suportes técnicos, do excesso de informações que a rede mundial de computadores acumula, e também da existência de poucos acervos digitais organizados e disponibilizados. Nessa direção, salienta-se o quão fundamental foi o acesso aos acervos digitais do Arquivo Nacional, da Biblioteca Digital, do Museu da Imigração e do *Family Search* para a reflexão ora apresentada e para aquelas que estão em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS



- APPLEBAUM, Anne. *Cortina de Ferro: o esfacelamento do Leste Europeu (1944-1956)*. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- BACELLAR, Carlos. O uso e o mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 23-79.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.
- BURUMA, Ian. *Ano Zero: Uma história de 1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998. Vol. 1.
- ELFES, Albert. *Suábios no Paraná*. Curitiba: [s.n.], 1971.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 59-79.
- FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. *História Oral*. Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 97-122, 2011.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- FUNDAÇÃO CULTURAL SUÁBIA-BRASILEIRA. *Die Geschichte der Donauschwaben in Brasilien*. Guarapuava: FCSB, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. *Patrimônio e Memória*. Assis, vol. 3, n.1, p. 87-100, 2007.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- LEAL, Bruno. As fichas consulares de estrangeiros no site FamilySearch. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). *Possibilidades de pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 31-53.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 235-289.
- PAIVA, Odair da Cruz. Museus e memória da imigração: embates entre o passado e o presente. In: PAIVA, Odair da Cruz; LEAL, Elisabete. (Org.). *Patrimônio e História*. Londrina: Unifil, 2014, p. 157-168.



PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Os embates pela memória nos espaços expositivos. In: SCHIAVON, Carmem; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, p. 51-68.

REZNIK, Luís; FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da Ilha das Flores. *Revista de História*. São Paulo, vol. 33, n.1, p. 234-253, 2014.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; PAIVA, Odair; BASTOS, Sênia. Imigração e Política Migratória no Pós-Segunda Guerra Mundial: perfil das entradas e trajetórias. In: SALLES, Maria do Rosário Rolfsen [et. al] (Org.). *Imigrantes Internacionais no Pós-Segunda Guerra Mundial*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/Universidade Estadual de Campinas, Faculdade Anhembi Morumbi, Universidade Federal de São Paulo, 2013, p. 11-22.

SANTOS, Rodrigo dos. *Discursos sobre imigração no jornal Folha do Oeste – Guarapuava, Paraná (1946-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2015, 115 p.

SANTOS, Rodrigo dos. Abordagens da imigração no ensino: desconstruindo a imigração para a substituição da mão de obra escrava e apresentando a imigração do século XX e XXI. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, E Everton. (Org.) *Por um outro amanhã: apontamentos sobre aprendizagem histórica*. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2016.

SHEPHARD, Ben. *A longa estrada para casa: restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

STEIN, Marcos Nestor. *O oitavo Dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-PR*. Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

Recebido em: 05/12/2019
Aprovado em: 04/09/2020